

# Neoliberalismo vs. Intervencionismo no México: o retorno da mão invisível<sup>1</sup>

Alejandro Valle Baeza<sup>2</sup>

## Resumo

*O artigo faz uma análise dos resultados alcançados na economia mexicana após 14 anos de políticas neoliberais (1982/96). Tenta-se entender o que significaria a manutenção de uma política econômica com tal orientação frente à ocorrência de tão poucos resultados positivos, principalmente no aspecto social, no período.*

## Introdução

O neoliberalismo é uma volta ao passado, às idéias dos séculos XVIII e XIX, quando a economia política impulsionava a luta contra as tradições feudais, argumentando que o mercado alocava eficientemente os recursos produtivos. Foi no final do século XVIII que Adam Smith afirmou que, ainda que no capitalismo as empresas procurem unicamente seu máximo proveito, haveria uma mão invisível guiando essas ações egoístas para o proveito de toda a sociedade. Já desde essa época, as crises econômicas acompanhavam persistentemente o capitalismo sem que a mão invisível pudesse fazer algo para evitá-las. Foi neste século que se renunciou ao funcionamento espontâneo do mercado e iniciou-se a era das políticas keynesianas que buscavam minimizar as conseqüências das crises. Isto era feito principalmente para favorecer as empresas, mas sob a divisa do combate ao desemprego. Durante 25 ou 30 anos não se mencionou que o mercado era a melhor solução para os problemas econômicos, a mão invisível foi substituída pela mão bem visível do Estado de Bem-Estar, encarregado de direcionar a economia para o benefício das empresas e até certo ponto dos trabalhadores. Em meados dos anos 70, iniciou-se uma retomada das idéias do início do século XIX, pregando que toda tentativa de regular as economias capitalistas era inútil ou contraproducente.

---

<sup>1</sup> Este texto foi extraído dos trabalhos relativos à Tese de Doutorado do autor. Traduzido por Marcelo Dias Carcanholo.

<sup>2</sup> Professor – UNAM/Doutor em Economia – UNAM (México).

O México é um dos países nos quais procurou-se que a mão invisível voltasse a exercer todos os seus dons, como no passado. Em 1996, o México completou 14 anos de governos neoliberais. Nos dois sexênios anteriores e nos dois anos já transcorridos do atual presidente, Ernesto Zedillo, os salários reais caíram para um nível abaixo do de 1976, ocorreram as duas crises econômicas mais importantes desde a Segunda Guerra Mundial, a riqueza concentrou-se ainda mais e o crescimento econômico está estancado. Isto conduziu a um clima social difícil e tenso: a criminalidade aumentou consideravelmente (destacando-se a corrupção governamental); reapareceram as guerrilhas (ao menos uma delas, a do Exército Zapatista de Libertação Nacional, com uma base popular muito ampla); o partido do governo há 68 anos, Partido Revolucionário Institucional (PRI), tem assumido uma postura de direita cada vez maior e tem perdido espaço para outro partido de direita, Ação Nacional, e para o Partido da Revolução Democrática, de centro-esquerda. A vitória mais evidente dos governos neoliberais tem sido reduzir a inflação. Não obstante os problemas antes mencionados, o governo conta hoje em dia com o apoio da maioria dos capitalistas instalados no México, enquanto antes o estava perdendo, especialmente em 1982 quando foi obrigado a nacionalizar o sistema bancário. O que justifica uma política econômica com tão poucos resultados positivos? Por que, depois de anos de um alto crescimento guiado por um governo poderoso, recorre-se outra vez à mão invisível do mercado como único árbitro econômico?

Trataremos de avançar nas respostas a estas perguntas no que segue.

## **1 Significado do neoliberalismo**

Entendemos por políticas neoliberais aquelas que pregam que o funcionamento espontâneo das economias capitalistas é a melhor solução para organizar a produção social. Foi Adam Smith, um dos fundadores da teoria econômica, quem elaborou a idéia de que, ao buscar o proveito individual, os capitalistas conseguem, sem sabê-lo, o máximo do benefício público; as coisas aconteciam como se uma mão invisível proporcionasse o bem-estar público, que não era perseguido pelos capitalistas.<sup>3</sup> O

---

<sup>3</sup> “Geralmente, na realidade, ele (o indivíduo) não tenciona promover o interesse público nem sabe até que ponto o está promovendo. Ao preferir fomentar a atividade do país e não de outros países, ele tem em vista apenas sua própria segurança; e orientando sua atividade de tal maneira que sua produção possa ser de maior valor, visa apenas a seu próprio ganho e, neste, como em muitos outros casos, é levado como que por mão invisível a promover um objetivo que não fazia parte de suas intenções” (Smith, 1983: 379).

neoliberalismo inspira-se em um conjunto de teorias diferentes em um sentido estrito; o monetarismo de Friedman, a nova economia clássica e a teoria de Hayek. Apesar de suas diferenças, todas essas vertentes têm em comum a idéia de que toda intervenção consciente para melhorar o curso da economia é inútil quando não contraproducente.

Há algum tempo, os governos capitalistas trocaram um dos objetivos de sua política econômica, o pleno emprego, pelo combate à inflação. Abandonaram as políticas keynesianas que chegaram a prometer o fim das crises capitalistas e adotaram métodos monetaristas ou neoliberais.

A base do keynesianismo é o estímulo da demanda para regular o funcionamento da economia, o que se constituiu em uma das características mais importantes do Estado de bem-estar e favoreceu certos tipos de regime: social-democratas ou populistas. O enorme enfraquecimento do keynesianismo foi acompanhado, no plano político, pela instauração de governos mais conservadores na Europa e nos Estados Unidos. Na América Latina, as ditaduras militares do cone sul foram as impulsoras entusiastas das políticas neoliberais. A volta posterior a regimes não-ditatoriais não trouxe modificações radicais no terreno das políticas econômicas, pois os novos governos, assim como os de países como o México, implementam medidas neoliberais.

Amit Bhaduri (1985) escreveu:

“O monetarismo, tal como o conhecemos hoje em dia, é uma ampla ideologia política sustentada por vários governos, mais do que uma doutrina econômica.”

O mesmo autor e Josef Steindl<sup>4</sup> afirmam que o monetarismo beneficia fundamentalmente o capital financeiro e ataca o keynesianismo (encarnação do inimigo dos banqueiros, segundo os autores). Estas afirmações são dignas respostas aos monetaristas, que acusam as políticas econômicas keynesianas de serem as causadoras das crises.<sup>5</sup>

*Uma crise é uma falha generalizada do mercado. Ocorrem simultaneamente desemprego, maquinaria ociosa e necessidades insatisfeitas.* Periodicamente o organismo social adoce. Friedrich Hayek, um dos destaques do neoliberalismo, agraciado com o prêmio Nobel de Economia em 1974, disse em mais de uma ocasião que “é muito claro que as autoridades são as culpadas pela depressão de 1929 e também que são

---

4 Cf. Bhaduri & Steindl (1985: 5-15).

5 Grande parte da literatura distingue ciclos e depressões porque estas são mais agudas, ainda que em ambos os casos ocorra a irracionalidade de braços e máquinas ociosos.

responsáveis pela geração dos ciclos posteriores.”<sup>6</sup> A batalha entre neoliberais e keynesianos, até agora, está sendo vencida pelos primeiros: algumas das propostas de Hayek, em seu discurso na recepção do Nobel, para combater o desemprego eram “introduzir mudanças nos preços e salários relativos e certas transferências de trabalho.”<sup>7</sup> Hayek argumentava que as intervenções governamentais (subsídios, gasto público para criar empregos, controle de preços) iriam perdendo sua eficácia paulatinamente e traduzir-se-iam em inflação crescente. O que não disseram Hayek e os outros inspiradores do neoliberalismo é que as intervenções governamentais foram uma tentativa de combater as crises econômicas que ameaçavam a estabilidade política do capitalismo. Há que se recordar que, no final dos anos 20, o mundo afundou-se na pior crise econômica do século XX. A produção dos Estados Unidos caiu 40% em dois anos e o desemprego era oficialmente de 25%. O combate à crise foi especialmente necessário nessa época, em que a URSS parecia construir uma alternativa desejável para os trabalhadores do mundo inteiro. Segundo a teoria econômica convencional o desemprego é fruto de salários demasiadamente altos. Segundo ela, ocorre com o trabalho exatamente o mesmo que com qualquer outra mercadoria: para que haja equilíbrio entre oferta e demanda de trabalho, os salários deveriam ser os corretos. Os poderosos sindicatos e as políticas governamentais de fixação de salários mínimos seriam os culpados pelo desemprego. As políticas keynesianas prometeram acabar com o desemprego mediante o estímulo da demanda, a qual impulsionaria uma inflação e, com isto, uma *diminuição dos salários reais*. Se, ao proteger o capital, protegia-se o emprego, dois objetivos eram cumpridos: servir ao capital e ao trabalho. Essas políticas começaram a ser aplicadas durante os anos 30<sup>8</sup> e funcionaram razoavelmente bem a partir do final da Segunda Guerra Mundial, até a crise generalizada de 1974/75. Pode-se dizer que, durante trinta anos, o keynesianismo reinou absolutamente em uma época que alguns chamam de “Idade de ouro” do capitalismo, já que o crescimento econômico foi superior ao dos séculos anteriores, em que o capitalismo já existia.

---

6 Entrevista a Hayek de Pizano (1980: 33).

7 Cf. Hayek (1979).

8 Na realidade, desde antes das políticas recomendadas por Keynes, que hoje levam seu nome, elas já eram aplicadas espontaneamente por diversos governos. Por exemplo, nos Estados Unidos, o governador Roosevelt já falava, em 1928, da filosofia básica e dos objetivos sociais que inspirariam o *New Deal* durante sua presidência. Roosevelt assinou em agosto de 1935 a *Social Security Act*, confirmando o rechaço à política de parcimônia para combater a crise. Keynes publicou sua influente *Teoria geral do emprego, juro e dinheiro* em 1936.

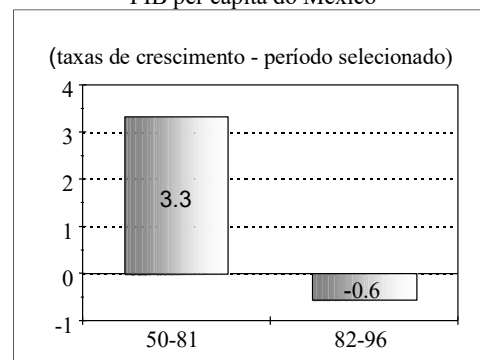
A crise de 1974/75 ocorreu e aparentemente mostrou que Hayek foi um profeta esquecido por mais de quarenta anos.<sup>9</sup> As políticas de combate à crise se mostraram ineficientes, exceto para acelerar a inflação. Durante 1974/75, nos Estados Unidos, por exemplo, aumentaram simultaneamente a inflação e o desemprego.

Hayek e outros inspiradores do neoliberalismo não dizem que as crises econômicas ocorriam já com inusitada intensidade nos séculos anteriores, quando não existiam políticas de estímulo à demanda. Se o keynesianismo e, em geral, toda intervenção consciente para combater as crises é inútil, o que acontecerá no capitalismo? Vejamos algo do que está acontecendo no México, onde foram aplicadas as políticas neoliberais decididamente desde 1982. Vejamos o que aconteceu com as crises econômicas durante os regimes neoliberais mexicanos.

## 2 O desempenho da economia mexicana no período neoliberal

Em dezembro de 1994, estourou uma crise que veio agravar o processo de estancamento em que havia entrado a economia mexicana. Como pode ser visto no Gráfico 1, o PIB per capita diminuiu durante a implementação decidida das políticas neoliberais, desde 1982. Após trinta e um anos de crescimento da produção per capita, os mexicanos tornaram-se, em média, mais pobres.

Gráfico 1  
PIB per capita do México



<sup>9</sup> Em 1931, Hayek publicou *Prices and production*, em que afirmava que os ciclos econômicos são causados por fenômenos monetários.

O custo do estancamento da economia mexicana recaiu principalmente sobre os trabalhadores. Pode se ver no Gráfico 2 o que ocorreu com os salários dos trabalhadores da indústria mexicana, embora se tenha de reconhecer que as políticas neoliberais diminuíram a inflação, tal como mostra o Gráfico 3.

Gráfico 2  
México, salários industriais por hora  
1938/96

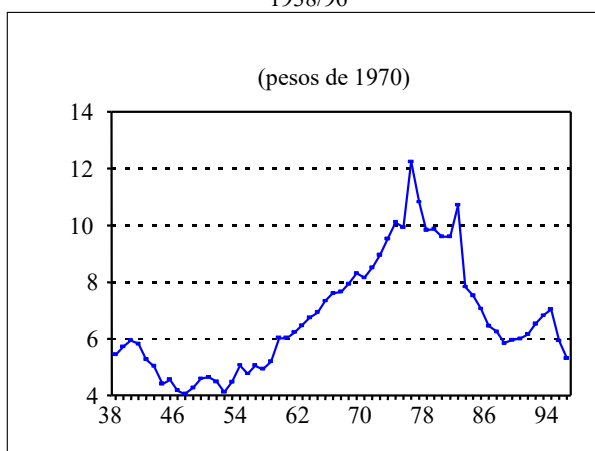
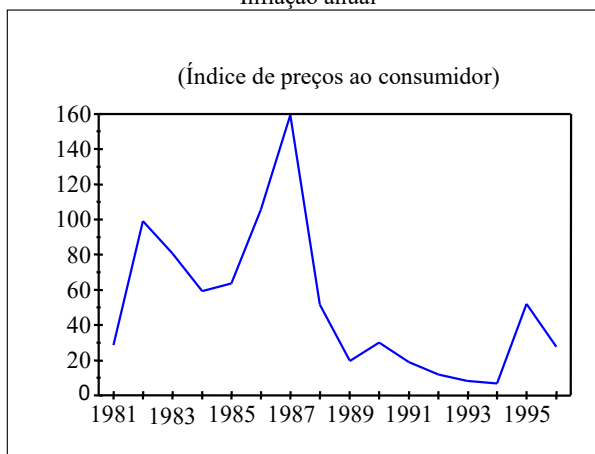


Gráfico 3  
Inflação anual



Em 1996, os salários reais correspondiam a 58,6% dos de vinte e dois anos antes! Isso ocorreu com um grupo de trabalhadores que não representa os salários mais baixos da economia mexicana. Os trabalhadores que recebem salário mínimo e os burocratas sofreram uma redução salarial ainda maior. A queda dos salários no México não encontra explicação no comportamento da produtividade. Nesses vinte anos, foi incorporada uma enorme quantidade de novas tecnologias que elevaram a produtividade do trabalho. Se a economia mexicana funcionasse adequadamente para os trabalhadores, uma maior produtividade poderia traduzir-se em uma melhoria do nível de vida dos mesmos. Não tem sido assim; e, pelo contrário, os trabalhadores mexicanos estão cada vez mais pobres.

Estes quatorze anos de neoliberalismo têm prejudicado a maioria da população. Os sucessivos governos culpam pelos males econômicos os governos perdulários do passado. Em 1982, elevou-se o déficit governamental a 16% do PIB, buscando um paliativo para a crise; a inflação alcançou 159,2% em 1987. Para combater a inflação, o objetivo de política econômica mais procurado pelo neoliberalismo, eliminou-se o déficit governamental, os aumentos salariais foram limitados, a partir de 1986, na magnitude da inflação esperada, privatizou-se a maioria das empresas públicas e abriu-se a economia para a concorrência externa com uma rapidez e intensidade poucas vezes vistas em outros países.<sup>10</sup>

Quando as coisas iam mal, o governo consolava a população argumentando que poderia ter sido pior sem as políticas neoliberais. Outra justificativa a que recorreu o governo foi a de dizer que as coisas caminhavam bem no nível macroeconômico e que, mais cedo ou mais tarde, alcançar-se-ia o nível micro, isto é, o bolso das famílias. Antes que os neoliberais mexicanos cicatrizassem as feridas abertas para combater a crise de 1982 ocorreu no México outra crise que superou por sua intensidade a anterior.

---

10 “O governo mexicano inicia a partir de 1983 uma nova política econômica de comércio exterior. Transita-se rapidamente de uma política protecionista de importações, para uma política de liberalização comercial, que objetiva o incremento e a diversificação das exportações e uma maior competitividade da planta produtiva.”

O México ingressou no GATT em 1986, feito com o qual são eliminadas as práticas protecionistas do passado, substituindo-as apenas por tarifas. “O México foi mais além do estipulado pelo GATT em sua abertura comercial; o GATT exige que os impostos sobre importações não ultrapassem 50% – do valor produzido –, no México nenhum produto tem atualmente uma taxa superior a 20%; o GATT exige que a taxa média de impostos sobre importações não passe dos 30%, no México, essa taxa é atualmente só de 9,78%” (Caballero Urdiales, 1991: 18-9).

### 3 A crise de dezembro de 1994

Em dezembro de 1994, explodiu uma nova crise mexicana que superou por sua gravidade a ocorrida em 1982, quando o governo decretou a moratória de sua dívida externa, abalando a credibilidade com numerosos bancos dos países desenvolvidos. Em 1982, o México era um dos devedores privilegiados pelos bancos comerciais internacionais. O governo mexicano, ao não poder pagar os juros da dívida externa, abriu a possibilidade de uma crise financeira internacional porque uma quebra de um banco influente pode acarretar efeitos em cascata difíceis de prever.

Novamente, em 1994, o México teve a duvidosa honra de abalar a estrutura do capitalismo mundial. Isso ocorreu depois de doze anos de políticas neoliberais impostas, em certo grau, pelo Fundo Monetário Internacional, mas adotadas com entusiasmo incomensurável pelos governantes mexicanos e apoiadas pelos capitalistas, nacionais e estrangeiros, estabelecidos no México. De modo que a crise mexicana mais recente, ou pelo menos sua intensidade, deve ser contabilizada entre as “conquistas” das políticas neoliberais.

Clinton, o presidente dos Estados Unidos, afirmou ante um grupo de líderes empresariais que os problemas econômicos do México eram “evidentemente, também um perigo para o futuro econômico dos Estados Unidos.”<sup>11</sup> Mais adiante urgiu:

“Se não fizermos algo, a crise de confiança na economia do México poderá estender-se a outros países em desenvolvimento da América Latina e da Ásia; o tipo de mercado que compra agora nossos produtos e serviços, e que comprará muito mais no futuro.”<sup>12</sup>

Clinton teve que recorrer a um artifício para evitar a oposição do Congresso americano e outorgou um empréstimo de US\$ 20 bilhões, garantido pela receita petrolífera mexicana;<sup>13</sup> além do mais, conseguiu outras garantias adicionais de US\$ 27,8 bilhões para o México. Entre essas estava o maior empréstimo do FMI em 50 anos. Em 21 de fevereiro de 1995 foi assinado o acordo básico entre México e Estados Unidos sobre o empréstimo de US\$ 20 bilhões. Para essa data, o México tinha passado de um câmbio de 3,46 pesos por dólar, em novembro de 1994, para 6,2 pesos por dólar em

---

11 Citado em Roett (1996: 65).

12 Citado em Roett (1996: 66).

13 Isso significa que os pagamentos pelas exportações petrolíferas mexicanas deveriam passar primeiro por um banco norte-americano. De maneira que se o governo mexicano não cumprisse suas obrigações com os Estados Unidos, este último poderia cobrar de qualquer forma.



fevereiro de 1995. Em 1982, o México não pôde cobrir os juros da dívida pública e privada com os bancos comerciais internacionais. Em 1994, uma boa parte do endividamento com o exterior era de obrigações de curto prazo contraídas com os fundos de pensão e com empresas norte-americanas. De maneira que a crise mexicana evidenciou a fragilidade da estrutura financeira internacional, na qual os países industrializados estavam obtendo elevados rendimentos nos mercados “emergentes”: Brasil, México, Hong Kong, etc. Como exemplo, o *Govett Emerging Markets Found* tinha obtido um rendimento de 67% em dois anos, seu valor caiu 13% entre dezembro de 1994 e janeiro de 1995.<sup>14</sup> As bolsas de valores de Argentina, Brasil, Chile e México tiveram quedas consideráveis por causa da crise mexicana, o que se chamou de “efeito tequila”. Tornou-se patente que ganhos especulativos podem ser altos, mas também são voláteis.

Tabela 1  
México: saldo em conta corrente e variação bruta das reservas  
1993/94

	(bilhões de dólares)		
Conceito	1992	1993	1994
Saldo em conta corrente	-24,8	-23,4	-28,8
Variação bruta das reservas	1,1	6,1	-18,9

Fonte: Dados do Banco do México (Informes anuais, 1993/94 – Elaboração própria).

A causa imediata da crise mexicana foi a impossibilidade de seguir cobrindo o déficit em conta corrente<sup>15</sup> de US\$ 28,8 bilhões em 1994 com entrada de capitais estrangeiros. Um dos eixos do combate neoliberal à inflação foi a tentativa de sustentar a paridade do peso frente ao dólar. Com uma paridade que não refletia a inflação, as importações dispararam, de forma que a demanda de divisas, já alta por causa da necessidade de pagamento da dívida externa, viu-se cada vez mais incrementada pelo déficit comercial. A Tabela 1 mostra os problemas da economia mexicana de então. Para cobrir um déficit de US\$ 23,4 bilhões em 1993, entraram capitais atraídos pelos elevados lucros. No período 1988/94, o investimento direto

14 Cf. Greenwald (1995: 24).

15 Esta conta é formada pelo saldo do comércio com produtos e serviços (no México é o turismo principalmente) e por outros fluxos como pagamentos de juros de dívida externa, etc. Um saldo negativo tem que ser coberto com dívida externa, com inversão estrangeira ou com reservas internacionais. Quando não se pode cobrir um déficit em conta corrente, o país em questão tem de interromper ou renegociar o pagamento dos juros de sua dívida e tem problemas para continuar importando produtos.

estrangeiro passou de pouco mais de US\$ 24 bilhões para pouco mais de US\$50 bilhões. Esse investimento chegou por causa da abertura da economia mexicana: ingresso no GATT em 1986, mudanças nos regulamentos de investimento estrangeiro introduzidos no México a pedido dos Estados Unidos em 1993 e, finalmente, entrada em vigor do Tratado de Livre Comércio em janeiro de 1994.

Na realidade, o problema poderia ter aparecido no princípio de 1994, quando a entrada de capitais se deteve. Mas, em um período de eleições presidenciais, isto talvez teria significado uma derrota para o Partido Revolucionário Institucional, no poder há décadas. O governo de Carlos Salinas cobriu o déficit com reservas monetárias (US\$ -18,9 bilhões), contraindo empréstimos de curto prazo. Ainda mais, financiou a saída de capitais com esses empréstimos, pois a soma do endividamento e da diminuição de reservas supera as necessidades da conta corrente. Como os empréstimos não podiam ser obtidos com os bancos, o governo aproveitou a onda especulativa e emitiu *tesobonos*, títulos que pagavam altos rendimentos e eram emitidos em dólares, mas convertíveis em pesos, segundo a taxa de câmbio vigente. Em janeiro de 1994, os *tesobonos* emitidos alcançavam US\$1.352,1 milhão; em dezembro do mesmo ano chegavam a US\$ 26.670,9 milhões!<sup>16</sup> O governo Salinas, para evitar sobressaltos que tornariam conturbado o ambiente eleitoral, apresentou esse endividamento como *interno* e evitou a sanção do Congresso da União, requerida para a dívida externa. Potencialmente, os proprietários dos *tesobonos* poderiam trocá-los, na data de vencimento, por novos títulos ou, ao resgatá-los, não precisariam trocar os pesos obtidos por dólares. Mas, se alguma grande empresa norte-americana, ou algum fundo de pensão tivesse tentado trocar os pesos, obtidos ao resgatar os títulos, por dólares sem consegui-lo, desatar-se-ia um pânico financeiro internacional. Assim sendo, o governo norte-americano atuou em defesa do capitalismo nacional e internacional em 1994.

Outro fator que agravou a crise mexicana também está relacionado com os custos de manutenção do poder. Para ganhar as eleições, impulsionou-se a economia elevando o crédito interno. O atual secretário de Fazenda reconheceu claramente isto:

---

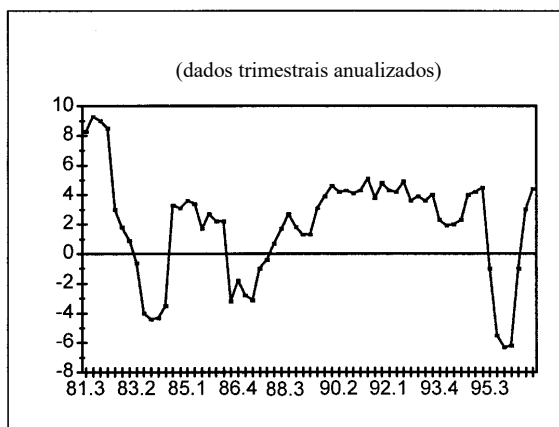
<sup>16</sup> Em janeiro de 1994, quando aconteceu o levante zapatista, não houve um aumento da taxa de crescimento dos *tesobonos*. Foi até maio desse ano que a emissão dos títulos cresceu 163,6%, dois meses depois do assassinato do candidato do PRI, Luís D. Colosio, em março de 1994.

“Em 1994, a rápida expansão do crédito dos bancos de desenvolvimento (*equivalente a algo em torno de 4,4% do PIB*) contribuiu para as pressões de demanda”.<sup>17</sup>

A crise do setor externo no México logo se transformou em uma crise generalizada para todos os setores da economia. Como exemplo, as vendas domésticas de automóveis diminuíram de 413.949 unidades em 1994 para 117.280 em 1995, uma queda de 71,6% em um ano! Este volume de vendas é inferior à produção de 1970 (133.218). *Esta percentagem de queda nas vendas domésticas ocorrida no México é muito semelhante, em importância, à queda acumulada entre 1929 e 1932 nos Estados Unidos que foi de -75,2% nas vendas de automóveis.* Isto quer dizer que, para o mercado mexicano, a crise pode significar em 1995 algo pior do que foi a crise dos anos 30 para o mercado automobilístico norte-americano. Entretanto, as exportações de automóveis compensaram, em grande medida, a queda das vendas no México. Por isso a produção de automóveis passou de 852.976 unidades para 698.625 em 1995, uma queda de 18,1%.

Para a economia em seu conjunto, a crise de 1994 significou uma queda maior que a de 1982, como é observado no Gráfico 4:

Gráfico 4  
Var. PIB total 1981/96

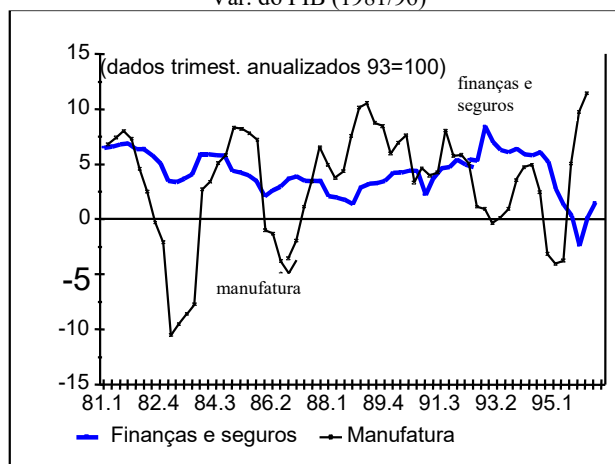


Mas um dos aspectos mais notáveis da crise atual é que agora o PIB do setor financeiro diminuiu, tal como visto no Gráfico 5:

17 Cf. Ortiz & Mancera (1995: 8). A ênfase é do autor.

Mas também aqui se vê que o setor manufatureiro padeceu menos e parece recuperar-se mais rápido do que o fez em 1982. Isto talvez possa ser explicado porque em 1982 o mercado externo não poderia ter o mesmo efeito amortecedor da crise, uma vez que os Estados Unidos também estavam em recessão.

Gráfico 5  
Var. do PIB (1981/96)



## Resumo e conclusões

O que ocorreu no México põe em dúvida que a mão invisível seja um guia infalível. Várias coisas importantes podem ser apreciadas:

- a) Como clamam os neoliberais, a economia mexicana estabilizou-se. Desafortunadamente para os mexicanos, isso ocorreu porque a economia cresceu menos do que a população.
- b) A virulência das crises não diminuiu depois de 12 anos de implementação das políticas neoliberais. Embora seja difícil separar os efeitos dos aspectos econômicos dos efeitos provenientes dos aspectos políticos (a necessidade do PRI de conservar o poder), o resultado do neoliberalismo no México tem sido desastroso para a maioria da população.

c) Ainda que as medidas neoliberais tenham tido consideráveis efeitos positivos (o que não é percebido hoje) seus custos sociais foram descomunais.

Os neoliberais mexicanos conduziram a economia por quatorze anos. São os responsáveis pelo estancamento e pela gravidade da crise de 1994. O fato de que ainda hoje, depois de tantos problemas, tenham o apoio dos capitais mais poderosos no México é prova de que as políticas neoliberais buscam o proveito desses enormes capitais e de que as políticas keynesianas já não serviam eficazmente para esses fins. Os problemas enfrentados hoje são enormes e parece que os países encaram uma luta entre dois tipos de política econômica que não funcionam adequadamente: a) keynesianismo, o qual, para combater as crises, favorece as empresas e, ao fazê-lo, produz malefícios que estas consideram inaceitáveis; e b) neoliberalismo, o qual estimula a oferta, mas combate mal as crises. Embora o caso mexicano mostre claramente que a premissa Neoliberal busca que a mão invisível conduza os assuntos econômicos, ela é deixada de lado quando se trata de manter o poder. Pode-se concluir que, ao menos no México, os neoliberais pensam que a mão invisível é o mecanismo mais eficaz para alocar recursos mas não para alocar postos de governo. Até agora a economia mexicana não dá sinais de que tenha sido bem guiada por essa mão invisível, mas o velho PRI mantém-se no poder.

#### **Referências bibliográficas**

- BHADURI, A. Las repercusiones del monetarismo en los países en desarrollo. *Investigación Económica*, n. 172, 1985.
- \_\_\_\_\_, STEINDL, J. El surgimiento del monetarismo como una doctrina social. *Economía Informa*, México, n. 128, p. 5-15, 1985.
- CABALLERO URDIALES, E. (Org.). *El Tratado de Libre Comercio*; informe para la Comisión de Comercio de la Cámara de Diputados. México: UNAM. Facultad de Economía, 1991.
- GREENWALD, J. Sell! Sell! Sell! *Time*, 23 jan. 1995. p. 24.
- HAYEK, F. La pretensión del conocimiento In: INFLACIÓN o pleno empleo? México: Ed. Diana, 1979.
- ORTIZ, G., MANCERA, M. Memorandum de políticas económicas al FMI. *El Mercado de Valores*, 3 mar. 1995, p. 8.

PIZANO, D. *Algunos creadores del pensamiento económico contemporáneo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1980.

ROETT, R. La devaluación Mexicana y la respuesta estadounidense; políticas del Potomac al estilo de 1995. In: RIODETT, R. (Org.). *La crisis del peso mexicano*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996, p. 65.

SMITH, A. *A riqueza das nações; investigação sobre sua natureza e suas causas*. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1983.